



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo

2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**





A palavra percepção e sua
importância para o
ensino de artes

Sumário

Vídeo da Semana 3

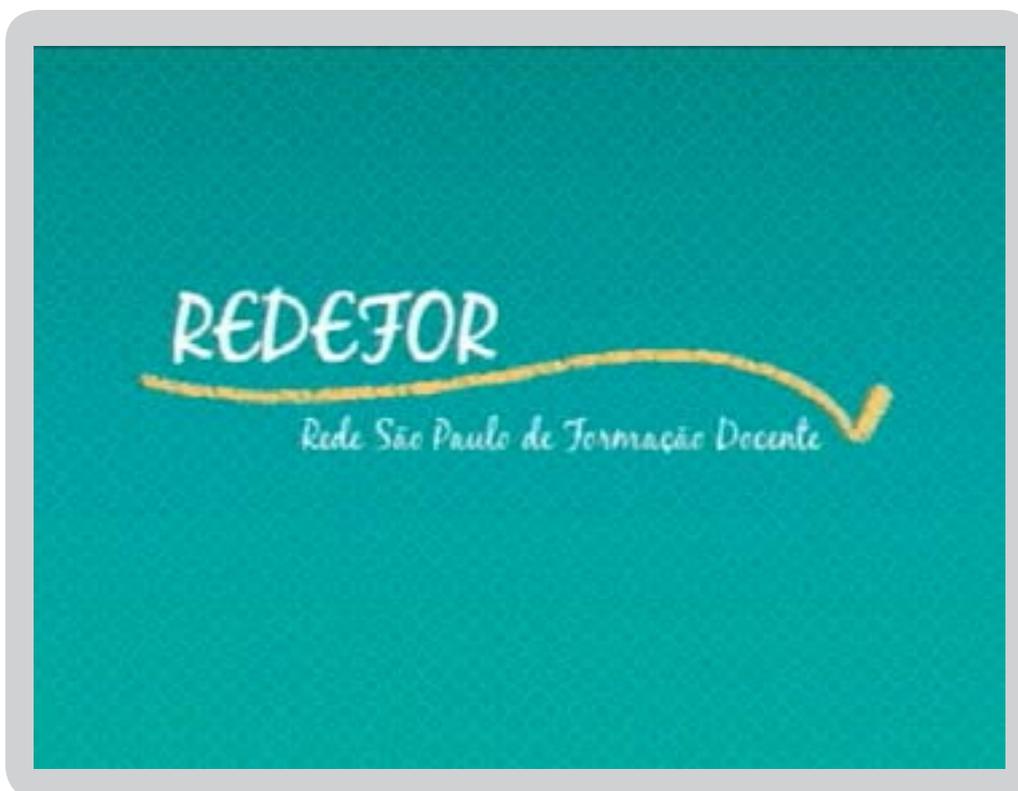
3. A palavra percepção e sua importância para o ensino de artes ..3

3.1. A palavra percepção e sua história4

3.2. Percepção segundo a Gestalt.....7

Bibliografia 11

Vídeo da Semana



3. A palavra percepção e sua importância para o ensino de artes

Embora o título deste tema 3 associe diretamente a palavra percepção ao ensino de artes, convém lembrar que sua importância não se restringe a este lugar. No contexto da vida biológica e da vida cultural, nos contextos de qualquer profissão e especialmente aqueles que envolvem a observação e colaboração com desenvolvimento de pessoas, a palavra percepção assume relevância por abarcar diretamente, em seu significado mais estável e generalizado, a idéia de relações de cada ser com o mundo, de cada ser com seus semelhantes. Tradicionalmente, dois grandes campos do conhecimento abarcam teorias sobre percepção: a filosofia e a psicologia. Mais recentemente, investigações no campo de artes assumem fundamentos ora da filosofia, ora da psicologia para contextualizar percepção.

Por assumir papel central, quer seja em termos de fruição em artes – de que forma percebemos a obra – como em termos de produção – de que forma percebemos elementos e suas articulações em uma composição artística – a percepção é palavra também relevante para o ensino de artes e algumas questões desdobram-se desta relevância: como é orientada a percepção visual, musical e, no caso das artes cênicas: como se orienta e se aguça a percepção relacional, incluindo-se aqui o espaço e as pessoas?

No desenvolvimento deste tema, dois tópicos são propostos: no primeiro, fazemos recuperação dos diferentes significados da palavra percepção recortando brevemente sua trajetória no campo da filosofia e no segundo, destacamos uma teoria da psicologia que destinou especial atenção para investigar percepção, enquanto fenômenos humano: a teoria da Gestalt.

3.1. A palavra percepção e sua história

A idéia de percepção foi explorada pelos pensadores da antiguidade grega, sobretudo Protágoras, Platão e Aristóteles em um contexto teórico que buscava compreender relações possíveis entre o ser humano e o mundo, considerando o conhecimento como uma mediação privilegiada para caracterizar tais relações. No esforço de pensar as relações entre o homem e o mundo, a filosofia grega – e ocidental – volta sua atenção para a questão sobre o que é conhecimento. Quais os movimentos do pensamento e do corpo, ou da alma e do corpo, que fazem parte da experiência de conhecer o mundo?

A primeira resposta, com a qual todos concordam é que no processo de conhecimento entram em jogo sensação e reflexão. Sentir o mundo e pensar o mundo constituem investigações para uma aproximação teórica que visa, sobretudo, responder quais as condições para se sentir e para se pensar o mundo. A idéia de percepção começa a ser elaborada como processo que ocorre entre sentir e pensar.

Merecem destaque três concepções distintas sobre percepção no contexto da filosofia grega antiga: a dos sofistas representados, nesta discussão, por Protágoras (480 a.C. - 410 a.C.); a platônica e a aristotélica.

Protágoras afirmava que perceber é conhecer. Tudo o que conheço é o que me aparece e verdadeiro é o que percebo. A depender do sujeito que percebe, o mundo aparece como lugar de

infinitas possibilidades de verdades, porque de infinitas possibilidades de percepção. O objeto percebido torna-se existente no encontro com quem o percebe.

Platão (428 a. C. – 348 a. C.) discorda deste relativismo sofista e afirma que perceber é receber na alma os objetos sensíveis através do corpo. As etapas que relacionam homem e mundo são, no entender de Platão, sentir, perceber, conhecer. Para ele, percebe-se o sensível pela ação de nossa faculdade de raciocinar, pelo pensamento, portanto. A sensação não tem capacidade de discriminar o que recebe no corpo, isto é feito pelo raciocínio. Nosso perceber se dá pela alma, pelo pensar, que resulta em ação de identificar as qualidades do sensível. Sentir e perceber não são o conhecimento em si. Diferentemente de Protágoras, Platão não iguala conhecer e perceber. A percepção é processo que está a meio caminho do conhecimento.

Aristóteles (384 – 322 a.C.) discorda de Platão e de Protágoras e defende que conhecimento e sensação não devem ser idênticos ou distintos de modo absoluto (AGGIO, 2006), ou seja, não é possível dizer que sensação e percepção não representam conhecimento e tampouco é possível dizer que representam imediata e diretamente conhecimento como afirma Protágoras. Aristóteles entende que existe um substrato presente nos objetos percebidos que independem do sujeito que percebe. Entende também que a afecção provocada neste sujeito por aquele substrato existe na medida e no momento em que dura a percepção. Em outras palavras, Aristóteles não reputa autonomias absolutas nem ao objeto percebido nem ao sujeito que percebe. No encontro entre mundo ou objeto a ser percebido e sujeito que percebe há um movimento que altera o órgão sensível e coloca em exercício a faculdade perceptiva (AGGIO, 2006).

Descartes (1596 – 1650) prossegue com aproximação que já estava presente no pensamento, a saber, a ideia de que perceber é processo que se situa entre sentir e pensar. A partir de reflexão sobre sensação ele caracteriza percepção como uma espécie de sensação, porém já associada à consciência. Distingue três graus de sensação. O primeiro se limita ao estímulo imediato dos órgãos corpóreos, quando somos tocados por um objeto externo ao nosso corpo. O segundo grau de sensação está associado à consciência, quando identificamos sensações, nomeando-as: dor, frio, fome. Descartes afirma que este segundo grau pode ser chamado de percepção porque abarca juízos e valores. O primeiro grau de sensação seria, portanto, puramente mecânico, não consistindo, em sensação propriamente dita, mas sim apenas no movimento de partículas dos órgãos e na mudança de forma e posição que resulta desse movimento. Esse

grau de sensação Descartes admite ser comum a todo animal, seja humano ou não. O segundo, na medida em que se trata de uma percepção, envolveria consciência e seria resultante do fato de que a mente está de tal modo intimamente unida ao corpo que é afetada pelos movimentos que ocorrem nele; e o terceiro seria pensamento puro e consistiria no juízo que concebemos quando somos afetados por uma sensação e este último é dependente apenas do intelecto (ROCHA, 2004).

Na mesma tradição que distingue sensação de percepção, KANT (1724 – 1804) aprofunda esta diferença com a formulação de que nossas sensações ganham forma por meio de percepção, ou seja, as sensações são identificadas e ganham sentido por meio de um processo no qual pensamento intuitivo alia-se a noções já presentes no sujeito que percebe para dar forma à sensação. Kant dizia que quando percebemos o que chamamos de objeto, encontramos os estados mentais que parecem compostos de partes e pedaços. Para ele, estes elementos são organizados de forma que tenham algum sentido e esta é a tarefa da percepção. Em síntese, identificamos e podemos conhecer nossas sensações por meio da percepção.

A partir de Kant e na busca de responder sobre como percebemos o mundo, Husserl (filósofo alemão, 1859 – 1938) funda as bases da corrente filosófica Fenomenologia e amplia abordagem de que perceber é apreensão de um objeto em suas relações, em sua inserção no mundo, situação que implica necessariamente em múltiplas relações e múltiplos significados. Aquilo que percebemos do mundo depende, para Husserl, da forma como esse algo é apreendido por cada um dos sujeitos no momento de percepção. Todas as percepções de um objeto, de diferentes sujeitos, são reais, constituem verdades, pois todas constituem consciências possíveis sobre o objeto. Não existe uma percepção mais autorizada do que outras. Segundo Kant, a percepção não é uma impressão e combinação passiva de elementos sensoriais, mas uma organização ativa desses elementos numa experiência coerente. Logo, a mente confere forma e organização ao material bruto da percepção.

As bases filosóficas presentes no pensamento de Husserl serão aprofundadas e ampliadas por outros filósofos no século XX. Destacamos, neste texto, apenas mais um pensador que exerce influência em reflexões sobre arte e tem se apresentado como referência de diversas pesquisas no campo de artes cênicas e artes visuais e, também, no ensino de artes. Este pensador é Merleau-Ponty (1908 – 1961) para quem a percepção nunca poderia ser neutra, imparcial ou

pura. Ela sofre influências, contágios culturais e sociais e é sempre consciência perceptiva de alguma coisa. Na percepção, as decomposições analíticas são precedidas pela imagem do todo. Em toda percepção, tem-se o paradoxo da imanência (o imediatamente dado) e da transcendência (o além do imediatamente dado). Imanência e transcendência são os dois elementos principais, estruturais de qualquer ato perceptivo.

3.2. Percepção segundo a Gestalt

A palavra gestalt não apresenta tradução que possa ser resumida em apenas uma outra palavra em Língua Portuguesa. O substantivo alemão Gestalt, na passagem dos séculos XIX para o XX, quando a teoria tem sua origem, apresenta dois significados: 1. a forma e 2. uma composição que articulando vários elementos atinge uma forma. Considerando o segundo significado, com o qual a teoria em questão se aproxima, temos que gestalt pode ser entendida como configuração. Fazer uma gestalt pode ser traduzido por realizar uma configuração, integrando elementos de um todo.

A preocupação com a forma e configurações decorrem, porém, de outra curiosidade, mais central para os teóricos da Gestalt, que é o universo da percepção humana. A teoria da Gestalt surgiu na Alemanha, em 1912, com as primeiras publicações de Max Wertheimer, motivadas por suas pesquisas sobre percepção visual.

Em um momento europeu no qual a psicologia se funda como ciência e cada recente teoria busca definir seu objeto e método, Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887 – 1967) propõem que este objeto é a percepção e que esta merece ser estudada com os rigores da observação, experimentação e teorização próprios da ciência em geral.

Wertheimer propõe pesquisa na qual registra percepções de diferentes pessoas sobre diferentes ambientes e imagens. Descreve movimento em percepção visual de objeto parado. O artigo publicado em 1912, *Estudos Experimentais Sobre a Percepção do Movimento*, praticamente inaugura o movimento da Gestalt na Alemanha. Porém, somente em 1923 com análises que integravam pesquisas dos três fundadores, são apresentados os princípios de organização da percepção. Tais princípios fundamentam-se na idéia de que o cérebro, por um sistema dinâmico

mico, identifica imediatamente o que lhe é apresentado, fazendo relações e comparações por meio de agrupamentos e combinações. São eles:

- **Vizinhança ou proximidade:** partes próximas são percebidas em conjunto.
- **Semelhança:** partes semelhantes são percebidas como formando um grupo.
- **Fechamento:** tendência para completar as figuras incompletas.
- **Pregnância:** tendência a simplificar para ver boa configuração para compreensão.

A indissociabilidade da parte em relação ao todo permite que quando vemos o fragmento de um objeto ocorra uma tendência à restauração do equilíbrio da forma, proporcionando assim o entendimento do que foi percebido. Esse fenômeno perceptivo é norteador pela busca de **fechamento, simetria e regularidade** dos pontos que compõem um objeto (BOCK, 2004).

A partir de suas observações e dos princípios acima, os teóricos da Gestalt formulam seu conceito sobre percepção. É um fenômeno complexo que resulta de totalizações, de imagens em contexto, de um todo que é síntese de partes e não ocorre a partir dos fragmentos do real, mas de configurações que relacionam tais fragmentos, que relacionam partes de um todo. Um fenômeno não pode ser observado isoladamente do seu contexto, a organização da percepção permite a atribuição de significado ao fenômeno. Significado só é possível por relações, pelo todo que é síntese de partes. Percebemos o todo, em primeiro lugar, e não as partes. Não teríamos tempo de vida para perceber a partir de partes. Dito de outro modo, ou por meio de alguns exemplos:

1. quando nosso olhar se depara com um automóvel, de imediato, não o percebemos a partir de suas linhas, suas pigmentações, seus ângulos, mas o percebemos imediatamente como algo automóvel, ou seja, como algo cuja função reconhecemos, como algo que tem inúmeras referências em nossa sociedade e em nosso tempo. E alguns de nós o percebem como algo que tem um significado particular, para além daqueles socialmente já definidos. A visão imediata de um automóvel pode acionar lembranças de histórias trágicas ou felizes.

2. quando nosso aparelho auditivo se depara com o som de uma música, não o percebemos por meio de suas notas, harmonias ou arranjos, a não ser que sejamos músicos, mas de forma

imediate, sem o conhecimento sobre as partes que compõem a música, percebemos o som em uma configuração inteira, associando-o a emoções, imagens, histórias.

Se cada uma destas experiências de percepção ocorresse de forma imediata com a identificação das partes, não teríamos tempo de vida suficiente para perceber 1% do mundo a nossa volta.

Este é o fundamento do que os teóricos da Gestalt e da filosofia, desde Kant, com amplo aprofundamento em Merleau-Ponty, declararam sobre percepção como fenômeno ancorado em significados culturais. Percebemos significando, configurando contextos.

Os teóricos da Gestalt enfatizaram a percepção visual em suas pesquisas, mas convidam a pensar a percepção configuradora e significadora em outros campos.

Convidam a pensar que somente em um processo reflexivo, não imediato, que requer método de análise, percebemos por partes. Aliás, a palavra análise, do grego antigo, remete exatamente a decompor um fenômeno em suas partes. Ao contrário da palavra síntese, também de origem grega, que sugere esta configuração integradora de elementos do real.

Com os fundamentos oferecidos pela Gestalt e por Merleau-Ponty, podemos afirmar que percebemos de imediato por sínteses configuradoras possíveis graças ao nosso repertório de significados culturalmente engendrados. Por meio de análises, saímos do imediato e decomponemos as fenômenos percebidos e identificamos elementos e relações, além de causas e novas possibilidades de configurações.

Associado ao conceito de percepção, segundo a Gestalt, temos o conceito de insight, entendido como processo de percepção aparentemente espontânea e imediata que permite relacionar vários aspectos (partes, fragmentos) de certo ambiente ou certo fenômeno e certa experiência. Ao nível do senso comum, esta palavra é associada a idéias que podem solucionar problemas. Mas os teóricos da Gestalt advertem que esta associação pode não ocorrer. Segundo esta teoria, insight é uma compreensão imediata e intuitiva sobre determinada realidade, sem que possamos identificar com certeza os caminhos que nos levaram a ela. Nem sempre esta compreensão é uma solução, mas pode ser apenas a percepção de alguma relação que anteriormente ao insight não conseguíamos perceber.

Como um pesquisador em artes e fundamentado na teoria da Gestalt, Rudolf Arnheim (1904-2007) afirma que “nenhuma pessoa dotada de um sistema nervoso normal apreende a forma alinhando os retalhos da cópia de suas partes” (ARNHEIM, 2004).

Segundo o autor, o pensamento e a percepção não podem operar separadamente e neste processo de percepção, intuição está sempre presente. O ato perceptivo não é exclusivamente racionalizado de forma que elementos intuitivos sejam expulsos do processo. Lembra que na relação com o objeto de arte é necessário um olhar mais atento, um exame completo de todas as relações que constituem o todo, porque a obra de arte é complexa, resultando de múltiplas relações, densas de ambigüidade que fogem das situações cotidianas. Esse exame atento das características visuais inclui intuição, reflexão e gestalts ou configurações capazes de colocar em diálogo a obra e quem a observa.

O artista cria um mundo, oferecendo-o ao espectador e este atua como um ativo examinador, envolvido em um jogo de sensações e percepções. Esse mundo criado pelo artista, além de ser uma etapa em seu desenvolvimento artístico, torna-se uma proposição para o outro. Um convite ao espectador, no qual ele vai usar sua intuição e intelecto para estabelecer uma relação compreensiva, interpretativa com a obra.

Nossa experiência junto a jovens pesquisadores em artes visuais tem demonstrado que os cânones oferecidos por Arnheim para percepção visual muitas vezes constituem referências que engessam interpretações e ameaçam acesso à contribuição do autor sobre o valor da intuição e das relações estabelecidas em cada experiência singular de apreciação artística. Esta constatação, porém, mereceria investigação futura e rigorosa, por isso não a discutiremos aqui. Limitamo-nos a destacar seu alinhamento à concepção da Gestalt sobre percepção e sua valorização da relação entre reflexão e intuição no processo de aproximações às obras e arte.

Para finalizar este tópico e este tema, ressaltamos que percepção é processo que tem a marca da cultura. Em relações e trocas de significados, os seres humanos aprendem códigos para perceber o mundo e criam códigos novos para esta percepção. O sujeito percebe orientado por seu repertório cultural, mas ampliando este repertório também.

Bibliografia

- ROCHA, Ethel Menezes. Animais, homens e sensações segundo Descartes. **Kriterion**, Belo Horizonte, v.45, n.110, jul.-dez. 2004
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. Tradução Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2004.
- ARNHEIM, Rudolf. **Intuição e intelecto na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PEDROSA, Israel. **Da cor à cor Inexistente**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1977.
- PEDROSA, Mario. **Forma e percepção estética: textos escolhidos II**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- BOCK, Ana Maria. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2004.

Ficha da Disciplina:

Emoção, percepção e criatividade: a contribuição da Psicologia para Artes e Ensino de Artes



Prof. Dra. Luiza Helena da Silva Christov



Possui mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professora assistente doutora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Realizou estágio de pós doutoramento junto à Universidade de Barcelona sob a orientação do prof. dr. Jorge Larrosa Bondia. Foi assistente de pesquisa da profa. Dra. Bernardete Gatti, junto à Fundação Carlos Chagas. Leciona Psicologia da Educação e Psicologia e Arte em nível de graduação e atua também junto ao mestrado em Artes do Instituto de Artes da Unesp. Orientou 16 dissertações de mestrado já defendidas. Coordena, no Instituto de Artes, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES, com projeto de parceria com rede estadual paulista. Publica na área de formação docente. Assessora a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo em diferentes projetos de formação e elaboração de material didático.

12

Ementa

A fronteira entre psicologia, artes e ensino de artes. Representações de senso comum sobre emoção, percepção e criatividade. Os conceitos de emoção, percepção e criatividade segundo diferentes abordagens da Psicologia e da Filosofia. A importância destes conceitos para a arte e para o ensino de arte. A importância destes conceitos para fundamentar planejamento do ensino de arte na perspectiva curricular da rede estadual paulista.

Estrutura da Disciplina

1. Diálogo entre psicologia e artes: um exemplo a partir da Contribuição de Freud

- 1.1. Conceitos chaves para dialogar com Freud
- 1.2. Construindo formas de entender artes: a contribuição de Freud

2. Psicologia e ensino de Artes

- 2.1. A contribuição de Vigotski para o ensino de artes
- 2.2. Projeto ZERO e teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner

3. A palavra Percepção e sua importância para o ensino de Artes

- 3.1. A palavra percepção e sua história
- 3.2. Percepção segundo a Gestalt

4. Emoção: outra palavra que interessa às Artes e ao seu ensino

- 4.1. Filosofia e psicologia pensam a palavra emoção
- 4.2. Emoção e conhecimento

5. A palavra Criatividade como conceito integrador entre Psicologia, artes e ensino de artes

- 5.1. Historicidade da idéia de criatividade
- 5.2. Abordagens contemporâneas sobre criatividade

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Ana Maria da Costa Santos

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva